



NÃO PINTCHA

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

B I S S A

Editorial

Há 23 anos, fundava-se em Bissau (então praça forte do poder colonial), o Partido do Povo da Guiné e Cabo Verde. O PAIGC, força principal da nossa sociedade, tem conduzido, desde então, o nosso povo, de vitória em vitória, no caminho da revolução, traçado pelo nosso imortal líder, camarada Amílcar Cabral.

Depois da libertação completa a nossa marcha continua num momento difícil (a reconstrução nacional), que requer de cada militante, em particular, e do povo em geral, um perfeito entendimento sobre a importância do momento histórico que atravessamos.

O privilégio de viver na liberdade depois de uma luta tenaz conduzida pelo PAIGC e que custou muito suor e sangue, pressupõe responsabilidade e terá de ser correspondido com a participação efectiva e consciente de todos nós.

Participar, significa militar, emular e responder em cada momento às directivas do nosso Partido, que se tem vindo a adaptar às novas realidades ditadas pela luta em prol do progresso. É perceptível o esforço do Partido em cumprir as tarefas apontadas pelo III Congresso: implantação de novas estruturas em todo o território nacional, pleno funcionamento das organizações partidárias e campanhas de inscrição de militantes.

Estar com o PAIGC, hoje como ontem, não é gritar «Viva, Viva», mas sim, entender as razões e causas das dificuldades que o país enfrenta, o significado da austeridade económica, sua res-

(Continua na pág. 8)

Aristides Pereira e Luiz Cabral regressaram de Luanda

● A vida retoma o curso normal em Angola

Os camaradas Aristides Pereira, Secretário-Geral do nosso Partido e Luiz Cabral, Secretário-Geral adjunto regressaram ontem e anteontem respectivamente, de Luanda, depois de terem chefiado as delegações de Cabo Verde e da Guiné-Bissau às cerimónias fúnebres do camarada Presidente Agostinho Neto, na capital angolana.

De regresso à República irmã de Cabo Verde, o camarada Aristides Pereira, que viajava num avião da Força Aérea de Angola, acompanhado de sua esposa e de vários dirigentes do Partido e do Governo caboverdiano fez escala de cerca de uma hora em Bissau, durante a qual se encontrou com o Presidente Luiz Cabral.

O camarada Presidente do Conselho de Estado regressara na terça-feira de manhã, na companhia do Presidente português, general António Ramalho Eanes.

Entretanto, a vida vai retomando o seu curso normal em Luanda, depois

das cerimónias que marcaram, na segunda-feira, o funeral do Presidente Agostinho Neto. Os grandes retratos do chefe de Estado falecido, as bandeiras negras, os dísticos ainda nas ruas da

capital e o profundo sentimento de dor estampado no rosto do povo angolano, testemunham as suas exéquias.

Depois de ter sido decretado feriado durante os últimos três dias, por

decisão do Comité Central do MPLA — Partido do Trabalho, os trabalhadores retomaram ontem a produção, embora sentindo a grande dor do filho, do pai e do companheiro desaparecido. Re-

cordamos que, ao ler o juramento do Comité Central, durante as cerimónias fúnebres o camarada Pacavira salientou que «faremos com q

(Continua na página 8)



Na foto: Carlina Pereira e Luiz Cabral ao lado do Presidente Samora Machel e esposa durante as cerimónias fúnebres de Agostinho Neto

Num Seminário da UNTG

Fidélis Almada falou sobre leis do trabalho

Durante o encerramento, na terça-feira passada, do Seminário da UNTG sobre leis do Trabalho, o Comissário da Justiça, camarada Fidélis de Almada, elogiou iniciativas de género, realçando que o trabalho manual sem trabalho prévio de espírito não vai de encontro com as aspirações desejadas no nosso país, quanto ao aumento de produção e de conservação de bens do Estado, nas mãos de trabalhadores. Aproveitou a oportu-

nidade, por outro lado, para evocar a memória do falecido Presidente Agostinho Neto, em cuja honra a Guiné-Bissau decretou uma semana de luto nacional.

O Seminário, decorrido nas instalações da UNTG e abarcando variados temas do internacionalismo proletário, acordo colectivo de trabalho, direito e

deveres do trabalhador numa empresa, entre outros, foi considerado um êxito por todos aqueles que nele intervieram.

Em representação dos trabalhadores participantes (cerca de 30), falaram os camaradas Malam Turé, do Hospital 3 de Agosto, e Mamai Badinca, da

(Continua na página 8)

Africa de Sul aumenta potencial militar

NOVA YORK — A África do Sul está a aumentar os efectivos das suas tropas no território ocupado da Namíbia — lê-se num documento redigido pelo Secretariado das Nações Unidas para a 34.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, que decorre desde terça-feira, sob a presidência do tañzaniense Salim Ahmed Salim.

No início do ano estacionavam na Namíbia 60 mil militares. Durante este Verão — afirma o documento — o regime de Pretória mobilizou vários milhares de reservistas para reforçar os contingentes estacionados a norte do território.

(Continua na página 8)

● Elogio fúnebre de Lúcio Lara a Neto (centrais)

A propósito da festa religiosa

Cacheu tornou-se, no passado dia 8 do corrente, movimentado com a chegada de várias pessoas de Cantchungo e até mesmo de Bissau, para participarem na festa religiosa dessa localidade. Festa que, segundo os cinquentenários, está a perder a sua magnitude.

Não resta a menor dúvida — no meu entender — que dois factores contribuem para o desaparecimento gradual destas festas, que vêm de certas gerações: conforme o tempo passa, certos costumes vão deixando de existir com as novas gerações e, além disso, na fase que atravessamos, actualmente, a nossa geração tem que acarretar, cada vez, com mais responsabilidade as exigências da luta de reconstrução nacional.

Porém, despertou-me a curiosidade a fortaleza que fica situada na margem do rio Cacheu, margem esquerda e os seus canhões, que outrora fizeram do monumento, quiçá, uma fortaleza inexpugnável, saíam de todas as direcções da pequena fortaleza para o mar e terra. Estes canhões, hoje, são peças que não tem medo. As datas imprimidas neles, demonstram a altura da construção da dita fortaleza. Uns de 1925, o mais recente. De outros não se consegue enxergar as datas.

Perante este espectáculo, perguntei-me: o que aconteceu nestas paragens num tempo não muito longínquo? Quais foram os povos que resistiram? A minha ignorância é grande. Não sei explicar nada sobre esta terra, quanto mais, sobre os velhos tempos do nosso país. Estas interrogações levaram-me a ver a necessidade de indagar sobre a resistência e inclusive, história dos nossos antepassados.

Nós os estudantes — principalmente os que não são originários de uma certa região — devemos, antes de tudo, indagar sobre tudo o que acontece nas várias regiões, apesar dos nossos fracos conhecimentos. O nosso estudo pode e contribuirá, certamente, para um maior aprofundamento no futuro, da história e cultura do povo. Isto, para mim, é uma exigência da reconstrução nacional e pede a nossa acção imediata.

ANMARATA SEIDY

Uma encomenda para os amigos de Bafatá

Chegou recentemente à escola Amílcar Cabral, em Leipzig na RDA, um embrulho que fez um trajecto postal pouco ordinário. O referido embrulho era originário de Bafatá, na Guiné-Bissau. O expedidor foi a escola local. E o conteúdo eram pequenos animais esculpados por mãos de crianças. Entretanto, em Setembro de 1976, esta escola, conhecida há já muito pelas suas acções de solidariedade, recebeu o nome do herói popular da Guiné-Bissau, Amílcar Cabral. E no quadro dos acordos governamentais assinados entre os dois Estados, os contactos foram estabelecidos com a

escola de Bafatá.

A noção de solidariedade que é desde já inculcada aos mais novos na RDA e materializa-se numa maneira particular pelos alunos de Leipzig.

Os jovens da Guiné-Bissau que estudam na RDA, são regularmente os convidados da escola Amílcar Cabral. O círculo de amigos esse cada vez mais. Os estudantes são sensíveis ao acolhimento caloroso dos alunos, respondem a numerosas questões e fazem-se às vezes de intérpretes dos estudantes recentemente vindos da Guiné-Bissau.

Regressando das férias na terra natal, trouxeram

um presente particularmente precioso: «trata-se de um pequeno filme realizado por eles próprios, sobre Bafatá e seus alunos. Foi assim que os 650 alunos da escola Amílcar Cabral puderam conhecer os seus amigos de Bafatá, no écran. Muitos alunos de Leipzig começaram a reflectir, vendo o entusiasmo dessas crianças que aprendem em condições modestas. Há já um ano que existe amizades pessoais, visto três alunos acompanharam o director da escola numa visita a Bafatá.

Por outro lado, todos os anos acumulam-se no anfiteatro da escola, ob-

jectos tais como cadernos, lápis, borrachas, e os brinquedos mais queridos da qual se separam e metem no imenso pacote para os amigos de Bafatá. Além disso, reúnem, naturalmente na escola com zelo, os velhos materiais e papeis para enviarem depois a receita da venda. Porém, o director da escola, Werner Zescherp, estima que «tudo isto não se mede só com dinheiro. Os alunos aprenderam sobretudo como se luta em muitos países, para a realização do direito do homem à instrução e ao ensino».

Saiu o número dois do "Vanguarda Juvenil"

Ja se encontra a venda o número dois do jornal «Vanguarda Juvenil», orgão mensal da Comissão Nacional da Juventude Africana Amílcar Cabral.

Além de oito páginas dedicadas à inauguração da Semana Nacional da Juventude, dos problemas que interessam aos nossos jovens, o jornal «Vanguarda Juvenil» contém também um suplemento de duas páginas dedicado ao camarada Presidente Agostinho Neto e um artigo de fundo da autoria do economista Rostaliv Unianovski intitulado «Amílcar Cabral e o Socialismo Científico».

Pode-se ler também no

«Vanguarda Juvenil» uma entrevista do camarada João da Costa, membro do CSL do Partido e Se-

cretário Nacional da JAAC e uma página dedicada à ciência e cultura.

Comício da JAAC em apoio a luta dos povos

Uma vibrante manifestação de solidariedade para com os povos e jovens em luta, efectuada, no princípio da noite, de ontem precisamente a hora do fecho do nosso jornal, marcou o reinício da Semana Juvenil da JAAC, a decorrer de 19 a 24 do corrente. O programa havia sido interrompido e adiado, por

coincidir com a semana de luto nacional, decretado pelo Estado da Guiné-Bissau, em homenagem a morte do Presidente Agostinho Neto. Fidelis de Almada presidiu o acto, no qual participaram jovens representantes da Juventude, de movimentos de libertação na Ásia, África e América Latina.

Lilica Boal em Dakar

Com o objectivo de participar numa reunião regional dos directores e chefes de serviços de planificação e administração da educação em África encontra-se em Dakar, a camarada Lilica Boal, Directora-Geral da Coordenação do Comissariado de Educação.

Aquela reunião vai analisar a reforma das estruturas educativas na nossa sub-região, as mudanças nos conteúdos, métodos e técnicas educativas, formação de professores e a troca de experiências inovadoras na Educação.

Responde o povo

Rendas de casa provocam dores de cabeça

O problema das casas tem criado sérias polémicas na nossa cidade, aliás como acontece em quase todo o mundo.

No nosso inquerito de hoje, ouvimos algumas pessoas que nos falaram dos problemas das rendas e das dificuldades que sentem em encontrar casa para morar.

28 ANOS E AINDA MORO COM OS MEUS PAIS

Sana Sanhã, 28 anos. «Eu mesmo não tenho casa para morar, mas há pessoas que têm casa guardadas para elas, facto que o próprio jornal corroborou, através da sua reportagem».

«Entretanto aparecem outras que só por serem estrangeiros vão oferecer mais condições e encontram logo casa. Eu acho que isto é injusto, e parece que nós próprios,

filhos da terra, não nos ajudamos uns aos outros. Penso que o dinheiro é o mesmo e nem sequer é um rendimento para o nosso Estado que eles buscam. Eu por exemplo, moro com os meus pais, mas nem com isso é suficiente para nós».

«Eu penso que é necessário um controle rigoroso, não obstante certas anomalias por parte de alguns fiscais que se não forem para o mercado a «roncar badjudá», não se julgam ninguém».

Sana terminou dizen-

do: «uma outra coisa é certa: embora o nosso Estado não tenha dinheiro, devia-se fazer esforço no sentido de construir casas, com vista a resolver este problema crítico, porque parece que agora a população aumentou dentro da nossa capital, conforme o recente recenseamento».

OS DONOS SÓ QUEREM DINHEIRO

António Pinto Teixeira de 26 anos cozinheiro, diz-nos que sente muitas «dificuldades» em encontrar casa para morar. E acrescentou: «Onde eu moro, a casa não é nada boa, mas... paciência».

«Posteriormente vim a encontrar uma, mas dado

o meu vencimento que não corresponde com o preço, então resolvi não nesta, ainda que sem condição. O interesse dos dono das casas e só ganhar o dinheiro, sem se interessarem pelas dificuldades económicas do inquilino».

Concluiu: «Isto não está bom. O nosso Estado deve ver esse problema das casas sem perca de tempo, porque já é um quebra-cabeça para as populações».

CONSTRUIR NOVOS BAIROS NÃO ERA NADA MAU

«Há muitos que queriam que se fizesse um inquerito a este respeito» — dir-

-nos-ia a menina Rita dos Santos de 22 anos de idade, que afirmou morar numa casa que não dispõe de mínima condição, só com dois quartos e casa de banho. «Aliás não é propriamente uma casa de banho porque as paredes são feitas de adobe e já estão todas molhadas, logo, num estado muito perigoso».

«Já falei com o dono que eu própria iria remediá-la, com a condição de se descontar posteriormente a verba das despesas. Mas ele não quis dizendo que isso não podia ser, porque era a minha obrigação modificá-la. Sendo assim, disse-lhe que não valia a pena.

Mas agora pergunto-me, camarada jornalista: A quem é que eu me devo dirigir a fim de pôr ao corrente desta situação? Ninguém, não é verdade?»

«Eu queria apelar às autoridades competentes, que olhem para este problema de casas, e de rendas que são muito caras para outras pessoas, sabendo que o dinheiro, ou melhor o preço que é exigido, é o mesmo».

Concluiu. «Também construir novas casas, novos bairros, não seria mau para pôr termo a essa injustiça».

Na Boavista

Guerra declarada aos gafanhotos

A guerra aos gafanhotos, surgidos após a primeira precipitação pluviométrica, iniciou-se no passado mês, na zona do Rabil, Boavista, orientada pelo técnico Manuel Costa Rosa. O primeiro trabalho da campanha denota resultados animadores.

Prevê-se, com bastante optimismo, melhores resultados para as próximas campanhas a realizar nas zonas de Estância de Baixo e Povoação Velha, onde os riscos estão distribuídos e os pequenos surtos começaram a manifestar-se.

A Delegação do MDR que tem em stock grande quantidade de insectici-

das para o extermínio de gafanhotos, não enfrenta, graças a medidas tempestivamente tomadas, problemas relacionados com meios de transportes, pois neste momento, achase dotada com duas viaturas que, eficientemente, vêm dando cobertura a todos os seus trabalhos, cumprindo o seu programa de acção.

Com efeito, deu-se início à abertura de covas para o plantio de árvores. Para o caso de Boavista, será provável a plantação de cerca de 80 mil árvores forrageiras.

O limiar da época pluviosa, encontrou o programa da lida agrícola

votado e preparado o terreno, porquanto, desde cedo, se tomaram certas precauções e providências no sentido de se pôr à disposição da ilha, meios necessários que garantissem, com a queda da chuva suficiente, o arranque da faina.

Aquela delegação, tem vendido muita quantidade de semente, nomeadamente de milho, feijão, fava e bongolon e espera receber polpas de beterraba e fardos de palha para venda aos proprietários de gado.

Continuam ainda em curso, alguns trabalhos de diques, de correcção tor-

rencial e de melhoramento de poços.

Por outro lado, enquadrados no programa de combate contra doenças diarreicas, teve lugar na Vila de Sal-Rei, uma campanha de saneamento dirigida pelo Secretariado Administrativo, em que a participação, em relação a anteriores campanhas levada a cabo, foi massiva. Houve igualmente uma campanha de projecção de «slides» virada ao ensinamento das regras da educação sanitária. Esta campanha que se desencadeou na Vila e em todas as povoações do interior, teve repercussão no seio da população.

Terminou 2.º Curso da Escola de Formação de Sargentos

Terminou o 2.º Curso da Escola de Formação de Sargentos, com um acto solene presidido pelo camarada Amílcar Baptista, 1.º oficial das FARP, e que teve lugar no Centro de Instrução Militar «Zeca Santos», na Vila do Tarrafal.

O curso de formação, que teve a duração de cinco meses, foi ministrado por quadros nacionais das Forças Armadas e, foram formados 57 sargentos, nos quais os chefes militares «depositam uma grande confiança no futuro do trabalho que vão realizar».

Usando da palavra o director da Escola teceu comentários aos aspectos essenciais, da Escola de Formação e enalteceu com uma evidência

considerável os resultados atingidos.

Seguidamente o Comissário Político do Centro falou dos problemas que a Escola enfrentou, afirmando a certa altura que «os novos sargentos saberão responder às suas responsabilidades e honrar as gloriosas tradições da luta de libertação nacional».

Após a distribuição de diplomas e de prémios aos melhores alunos da Escola, o camarada Amílcar Baptista usaria da palavra para encerrar o curso, realçou a sua satisfação pelos resultados obtidos e apelou a todos a seguirem o exemplo a que devotou o combatente Zeca Santos, à causa do nosso povo.

Embaixador da Índia entregou credenciais

«Nós na Índia, observamos com uma grande simpatia e uma grande admiração a luta do vosso povo para a sua libertação do jugo colonial. Sob a direcção do PAIGC, a luta heróica do vosso povo marcará uma etapa importante na história das lutas de libertação» — disse o sr. Gaiendra Singh, embaixador da República da Índia, ao apresentar as suas cartas credenciais ao Pre-

sidente Aristides Pereira, numa breve cerimónia que teve lugar no Palácio da Presidência.

No decurso da cerimónia, na qual esteve presente o camarada Abílio Duarte, Ministro dos Negócios Estrangeiros o embaixador indiano declarou que o seu Governo vem seguindo, desde a independência os esforços para a criação de uma sociedade democrá-

tica fazendo frente a forças adversas e, exprimiu o seu desejo de reforçar a cooperação entre Cabo Verde e a Índia.

A cooperação entre a República da Índia e Cabo Verde, remonta desde os tempos da luta de libertação nacional em que aquele país sempre concedeu um grande apoio diplomático.

EUA e Cabo Verde realizam um novo projecto agrícola

O acordo para a implantação de um projecto agrícola avaliado em 6 milhões de dólares, foi assinado no passado mês de Agosto entre Cabo Verde e os Estados Unidos.

O projecto, que tem

a duração de quatro anos, inclui conservação de solos, recuperação de novas terras para a irrigação e extensão rural, bem como o desenvolvimento de quatro vales em Santiago.

Pela parte cabover-

diana, assinou o camarada Osvaldo Sequeira, Secretário de Estado do Turismo, Comércio e Artesanato e pela parte americana, o Embaixador dos EUA na Praia, Edward Mark.

O nosso Partido tem que ter chefes bem definidos

«A questão da chefia do Partido e da identificação de quem em cada momento exerce de facto a responsabilidade partidária aos diversos níveis é tema de conversa do camarada Amílcar Cabral que publicámos para os leitores do nosso jornal:

« Nas condições concretas da nossa luta, da nossa terra, diante das exigências da História do nosso povo, neste momento, o nosso Partido tem que ter chefes bem definidos, para toda a gente saber quem é, para não haver confusão nenhuma. Qualquer que seja o nível dos que estão a mandar, do Bureau Político ou de qualquer outro organismo, têm que ter na sua cabeça o seguinte: aqui há um chefe, que não tem necessidade de lembrar a ninguém que é chefe, que se

confunde com toda a gente que não tem a menor pretensão e assim é que deve ser o nosso chefe, que não se envaidece para mostrar a toda a gente que ele é que manda, mas que não se esquece em nenhum momento de que ele é o chefe e quem não se lembrar, ele lembra-lhes».

«A Direcção do do nosso Partido é a força do nosso povo, ela é que é responsável por tudo quanto os nossos militantes, responsáveis, combatentes, etc. fazem. A nossa Direc-

ção tem que ser uma só, unida, não podemos admitir no nosso meio nenhuma divisão e quem fala na Direcção superior do Partido fala em direcção em qualquer escala, seja no Comité Inter-Regional, seja no Comité da Zona do Partido, ninguém pode voltar as costas ao seu companheiro. Quem não entender isso, está a estragar» (...) Nesta sala mesmo há camaradas que trabalharam juntos e que não foram capazes de se dar bem uns com os outros. Pouca vergonha. E porquê? Porque andam a tratar a sua barriga, das suas ambições, em vez de servirem os interesses do Partido. Mentalidade de ambiçõeszinhas, de manias.

Em vez de dedicarem a sua atenção à luz, aos trabalhos do Partido, andam a ver quem tem mais coisas, quem tem menos coisas, conversazinhas, intriguinhas, porcaria. E, no fundo, falta de coragem, cobardia ao fim e ao cabo».

«Não poder camaradas, chegou a hora pararmos, com isso. No mato ou fora do mato, chegou a hora de cada um tomar a peso da sua consciência, de pôr de lado as manias, pegar duro no trabalho, para nunca se atrapalharem no caminho. E devemos lembrar aos camaradas das zonas, sobretudo os das zonas, a importância que tem a direcção local, para manter o povo com entusiasmo».



Cabral co muri



Em prantos de lágrimas teimosas e difíceis de conter, o povo de Luanda em peso, rendeu homenagem ao seu Líder da revolução. Um último «adeus Comandante Neto». Na foto, imagens do cortejo fúnebre, nas ruas da capital angolana

O nosso

Povo Angolano,
Distintos Chefes de Estado,
Distintos Delegados,
Caros Amigos,
Camaradas,

O nosso grande desaparecido não é um desconhecido para vós, não é um desconhecido para o Mundo. Filho de professores, nasceu, faz hoje 57 anos, na aldeia de Kaxicane, a menos de uma centena de metros de Luanda.

A história da sua vida é bem a história moderna da luta do nosso Povo pela Independência e pela liberdade.

Trabalhador da saúde, conseguiu licenciamento em Medicina, conhecendo algumas vezes a dureza das prisões fascistas portuguesas nos tempos de estudante, tendo desde logo granjeado grande prestígio internacional, o que levou a Amnistia Internacional a considerá-lo, em 1961, o Prisioneiro Político do Ano. Lutador nato, que não pára diante de qualquer obstáculo, habituou-se desde sempre a querer para si o melhor.

Desde cedo, compreendeu que só a organização poderia dar força à luta. Em contacto com progressistas de todo o Mundo, pôde forjar uma consciência verdadeiramente marxista. Militou em diversas organizações juvenis estudantis e, fundou, em 1952, com trabalhadores rítmicos angolanos, o Club Marítimo Africano, que se tornou de transmissão entre os patriotas angolanos que encontravam em Portugal e os que, em Angola, sustentavam os alicerces do movimento de libertação. Foi ele quem iria gerar o Movimento Popular de Libertação de Angola, em 1956. O Club Marítimo nessa altura tornou-se um instrumento na denúncia dos massacres de 1953 em S. Tomé.

Sempre à procura de métodos mais eficazes de luta clandestina, fundou em 1958, com Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos e outros jovens das antigas colónias portuguesas, o Movimento Anti-Colonialista (MAC) com o objectivo de forjar a consciência nacional da juventude em riscos de alienação, e com a finalidade também de denunciar fora de Portugal a reza fascista do colonialismo português.

A vida agitada entre a Faculdade de Medicina e as cadeias, não impediu que viesse a encontrar a esposa e companheira com quem viria a percorrer a longa caminhada da luta que iniciou.

Acabado o curso é já em Luanda que, além do curso de Medicina, passa a dinamizar as palavras de ordem do MPLA, então em período de reestruturação.

Não foi difícil aos esbirros coloniais detectar que Agostinho Neto se tornara um pólo de atração para os jovens e velhos que, a pretexto de consulta, iam preparar a acção clandestina de organização e consciencialização.

De novo a prisão e a deportação para Lisboa e Cabo Verde, fizeram com que o Povo de Icolo e Benguela manifestasse pacificamente, sendo objecto de violenta repressão que redundou em massacre.

Era a época das prisões em massa de todos os angolanos suspeitos de actividades políticas.

Na reestruturação do MPLA, Agostinho Neto é nomeado Presidente de Honra.

Vem o glorioso sinal do 4 de Fevereiro que inicia uma nova etapa da nossa luta de libertação. O assédio às prisões de Luanda por patriotas armados apenas catanas, iria dar início à guerra de libertação do Povo Angolano, que, apesar da feroz repressão da tropa portuguesa, acendeu para sempre a chama da libertação da Pátria.

Das masmorras de Cabo Verde e Lisboa passou a um período de residência fixa, o que graças à colaboração entre o MPLA e um grupo de progressistas portugueses permitiu preparar a sua espectacular fuga para Matucos, acompanhado de sua esposa e dois filhos.

Agostinho Neto encontra os primeiros grupos de guerrilha que se treinavam com o apoio da Frente Nacional de Libertação da Argélia e desde logo assume a direcção dos problemas da luta até que, em Dezembro de 1962, na I Conferência Nacional do MPLA é eleito Presidente do MPLA.

As vicissitudes de uma luta travada em condições

ros transmite-se às Mães, a dos operários transmite-se aos soldados e aos camponeses.

Mas nós vamos também vencer a dor, como vencemos os sul-africanos, e vamos continuar a transformar esta querida Pátria, no País que tu projectaste no futuro.

O nosso Povo, o Teu Povo, descobre neste momento que Tu eras um gigante, maior ainda que a imagem que de Ti em todos existia. E é com determinação que memoriza todas as Tuas orientações, e que desde já presta juramento solene de que as vai aplicar com entusiasmo na organização do Partido e do Estado, no progresso económico e social da Nação.

Vamos sim, lutar, e lutar, pela libertação total do nosso Povo, pela liquidação de todas as sequelas herdadas do colonialismo. Vamos sim, o Povo inteiro, varrer do solo pátrio os inimigos que teimam em não acreditar na nossa invencibilidade.

Vamos sim, respeitar e continuar a aplicar os princípios sagrados da nossa opção socialista que são já um legado da Tua direcção, que são já um traço visível na nova sociedade que aqui forjamos.

Vamos sim, Camarada Presidente, injectar cada vez mais sangue operário e camponês no aparelho do Partido e do Governo.

Vamos sim, instituir o Poder Popular e criar a Assembleia do Povo, Tua derradeira preocupação.

Vamos sim, praticar a modéstia, a austeridade, a audácia, para que cumpramos a Tua lapidar directiva de que o mais importante é resolver os problemas do Povo.

Vamos sim, fortalecer as Forças de Defesa e Segurança e a ODP, para que as nossas fronteiras se tornem invioláveis, para que o nosso Povo sinta segurança e tranquilidade.

Vamos sim, Camarada Presidente, reforçar o Partido, reforçar a sua unidade, reforçar a unidade do Povo, dignificar a mulher angolana, educar e cuidar do futuro dos nossos Pioneiros, dos Teus pioneiros.

Vamos sim, Presidente Amigo, intensificar a construção do nosso Partido, que sob a bandeira do marxismo-leninismo, conduzirá Angola para o Socialismo, sob a direcção da classe operária.

Sob continuaremos fiéis à Tua memória e aos Teus ensinamentos, Camarada Presidente, e procuraremos em Ti a inspiração para vencermos os obstáculos mais difíceis.

Camarada Presidente,
Querido Amigo,

Que ingenuidade a nossa quando, no incessante derubar de obstáculos que tem sido a nossa luta, acreditámos que eras invulnerável.

Habitúamo-nos, Comandante-em-Chefe, sob o Teu comando, a não acreditar na derrota e a forjar vitórias para o nosso Povo.

A certeza da vitória eras Tu, que sabias sorrir diante do perigo, que sabias criar com os olhos secos, que não conhecias nem o medo nem a dúvida diante dos objectivos que desde cedo foram traçados.

Das prisões portuguesas em Angola, em Cabo Verde e em Portugal, soubeste retirar a experiência necessária para as transformar em escolas de luta para o nosso Povo. Das bofetadas da Pide soubeste aprender que o ódio não é dos homens, mas dos monstros, que o racismo sofrido na carne pode transformar-se em anti-racismo revolucionário, em amor pela Humanidade.

Da ciência médica que adquiriste e praticaste com desvelo, soubeste fazer a arma de luta contra a exploração do Homem pelo Homem, de luta pela dignidade. Quantos jovens passados no Teu consultório do Bairro Operário se tornaram dedicados patriotas, destacados dirigentes da luta do Povo Angolano oprimido.

Soubeste ser o Filho que aprendeu a esperar da sua Mãe a hora de entoar os hinos da liberdade.

Soubeste ser o chefe de família que à companheira e aos filhos dedicou imenso carinho, como única compensação de ausências sem fim que agora se torna permanente.

Soubeste ser o irmão amigo, o familiar afável, em quem sempre foi possível encontrar uma palavra de calor.

Chefe incontestado de um Povo heróico, tornaste-te o Pai de todos os filhos angolanos, o Filho de todas as Mães de Angola.

No féretro em que repousas para sempre, não terás ouvido o clamor dos gritos de dor que a Tua passagem desencadeou pelas ruas da cidade. Todos quiseram, de pé, prestar-te homenagem e gritar a revolta que a Tua partida provocou nos corações.

Perdoa-nos, Comandante, esta desorientação momentânea, estas lágrimas teimosas que queríamos saber conter.

É grande a dor e é comunicativa. A dor dos pionei-

Juramento não será em vão

o fúnebre de Lúcio Lara ao guia da Revolução Angolana

de extrema falta de meios e sem qualquer apoio válido do exterior, em nada faziam diminuir a inquebrantável confiança no êxito e, pelo contrário, era o motivo de um esforço titânico para abastecer os grupos de guerrilha que na I Região se debatiam com grandes dificuldades de armamento.

As crises provocadas pelas manobras imperialistas em 1963, levaram o Presidente Agostinho Neto a criar a II Região político-militar em Cabinda, onde com sucesso se forjaram valorosos combatentes tal como o destacamento Herói, Hoji Ya Henda.

O pensamento estratégico de Agostinho Neto cedo compreendeu que não bastavam ao MPLA a I e II Regiões para desenvolver com força a luta armada.

É aberta então a III Região na parte centro-leste do País, que traz um novo vigor à luta de libertação.

É o tempo da audácia de que sempre deu provas o nosso Presidente.

Já com maior apoio, de países socialistas e africanos, centenas de combatentes são transferidos num percurso de milhares de quilómetros de Cabinda e da I Região para a III Região, onde se inicia um novo tipo de luta assente na fixação de bases na profundidade do território.

É tempo de audácia na preparação e no envio das grandes colunas Cienfuegos, Kamy e Bomboco, de apoio em material de guerra à I Região, atravessando clandestinamente centenas de quilómetros em território do então Congo-Kinshasa e em território angolano.

É tempo de audácia, aproveitando os sucessos das primeiras investidas na Frente Leste para generalizar a luta armada em novas regiões do território nacional.

Incansavelmente, o Presidente Agostinho Neto percorre as diferentes regiões militares, tão distantes umas das outras, para animar os combatentes, para velar pelas condições de abastecimento, para corrigir a incúria, para dinamizar a acção. «Acções, mais acções, cada vez mais acções», era o estribilho que tinha nos lábios quando falava com os guerrilheiros.

As novas regiões apresentavam novo tipo de problemas. As armas de repetição e as pequenas pistolas metralhadoras revelavam-se pouco eficazes face ao material utilizado pelo inimigo. A guerra química devastava as culturas do Povo. O Presidente Neto compreendeu que era preciso dar o salto qualitativo.

Em primeiro lugar, o Homem. Era preciso cuidar do Homem, do seu aperfeiçoamento, da sua instrução e da sua consciência política.

Em segundo lugar, o material. Armas mais poderosas, meios mais eficazes. E também enxadas, catanas, sementes, que permitissem ao guerrilheiro e ao Povo que lhe dava apoio desenvolverem uma pequena economia de guerra e de auto-abastecimento.

Os CIR's floresceram, o Povo começou a ver nos primeiros manuais, nos primeiros medicamentos, o anúncio de uma nova era.

Apareceram as primeiras formas de Poder Popular. Graças aos esforços e à confiança inspirada pelo Presidente Neto, melhores armas, melhor equipamento, começaram a afluir às bases guerrilheiras.

Os primeiros grupos de artilharia entram com sucesso no teatro de guerra. Os quartéis inimigos já eram atacados com armas mais adequadas. A confusão que o imperialismo gerava à volta do MPLA ia-se desfazendo.

Neto foi também um diplomata emérito que utilizava como arma a verdade, a coragem política, o desassombro.

O MPLA passa a ser apoiado pela OUA. É o próprio Presidente quem leva uma delegação militar da OUA a visitar as zonas libertadas. Nos aerópagos internacionais, em conjunto com a FRELIMO, MLSTP, PAIGC, o MPLA desenvolve intensa acção contra o colonialismo português já em decomposição. Desta acção comum restam laços indestrutíveis que determinaram uma nova dinâmica no movimento de libertação do Continente.

O mesmo acontece com os movimentos de libertação da África do Sul, do Zimbabwé e da Namíbia.

O Presidente Neto é muitas vezes escolhido por todos os movimentos de libertação africanos para ser seu porta-voz na Conferência da OUA ou dos Não-Alinhados.

As relações com os países socialistas, rectaguarda segura do movimento de libertação nacional, foram objecto de permanente atenção do Presidente Neto, que conquistou por parte de todos os dirigentes dos respectivos Partidos e Governos uma sólida amizade que viria a contribuir para o estabelecimento de relações estreitas depois da Independência.

Entretanto, e num momento de crucial importância — Agosto de 1974 — criaram-se as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA).

É durante a Segunda Guerra de Libertação Nacional, após o Acordo de Tréguas com Portugal, em Outubro de 1974, que a personalidade do Dr. Agostinho Neto como estadista se impõe à consideração de todo o Mundo.

A violenta agressão sul-africana sofrida pelo Povo Angolano em vésperas da independência, levou a que se pensasse que a única possibilidade do MPLA para salvaguardar a sua existência seria a de aceitar a proposta que lhe faziam amigos e inimigos para uma colaboração com os fantoches, que se tinham aliado à África do Sul e ao imperialismo internacional. A correlação de forças apresentava-se favorável ao imperialismo que, nos seus cálculos, não contou com a determinação de um Chefe que acreditava no seu Povo, que não receava as piores ameaças.

Assumindo em pleno as suas funções de Comandante-em-Chefe, o Presidente Agostinho Neto soube levar as forças do MPLA ao caminho da vitória, utilizando com particular sagacidade, as fraquezas dos inimigos e as nossas reservas, reforçadas, em tempo oportuno, com o esforço internacionalista das Forças Armadas Revolucionárias Cubanas.

Proclamada a Independência, uma nova era se abre para a Revolução Angolana que se propõe criar uma sociedade de onde seja extirpada a exploração do Homem pelo Homem.

Rapidamente, o Camarada Presidente vai segurando a barra do leme da governação.

Expulsos os sul-africanos, com o País destruído pela guerra, há que andar depressa no sentido de rapidamente criar as bases do novo desenvolvimento económico, virado para os interesses das massas.

Tarefa difícil, num País destruído pela guerra, sem quadros técnicos suficientes para movimentar todas as empresas, em que uma pequena-burguesia alienada tenta a todo o custo manter as rédeas da direcção dos negócios do Estado.

É o tempo das grandes opções. A III Reunião Plenária do Comité Central do MPLA traça os novos rumos de desenvolvimento.

Os confiscos e as nacionalizações começam a transformar a situação económica herdada do período colonial.

A criação da moeda nacional é uma nova afirmação da via independente.

O espírito audacioso do Chefe incontestado começa a fazer-se sentir em todos os domínios.

Os obstáculos são de toda a ordem, mas a Revolução não pára.

Do golpe fraccionista fica uma recordação dolorosa que o Presidente Agostinho Neto não consegue extirpar. Mas a Revolução avança. Avança com a audácia do Chefe.

E veio o I Congresso em Dezembro de 1977. E veio, enfim, o Partido do proletariado. Nova conquista, audaciosa conquista, há muito planeada, mas que só na forja da problemática político-económico-social dos dois primeiros anos de Independência foi possível concretizar.

Unanimemente eleito Presidente do MPLA — Partido do Trabalho, galardoado com a Medalha de Herói Nacional, o Camarada Agostinho Neto imprime um ritmo acelerado à construção do novo Partido, ao Movimento de Rectificação.

Dos primeiros militantes às primeiras células, das primeiras células aos primeiros Comités do Partido do local de Trabalho, todo um processo que vai frutificar na reestruturação da juventude, na reorganização da OMA e na organização dos primeiros sindicatos da UNTA.

No campo, o movimento cooperativo não cessa de se desenvolver.

A economia nacional procura o seu melhor caminho e progride, com lentidão, mas progride. Mas o Chefe quer andar mais depressa, sempre mais depressa e isso sem prejuízo da atitude internacionalista em relação às lutas de libertação, em relação a outros povos amigos.

A diplomacia passa a ter um papel activo no aceleração do desenvolvimento económico.

Acordos de cooperação são assinados com numerosos países.

Alarga-se o campo das relações internacionais. Sucodem-se missões de boa vontade junto do Presidente Neto e da reserva retrógrada de alguns países relativamente a Angola passa-se rapidamente à simpatia, à cooperação, mesmo com regimes de ideologia diferente.

E é neste doloroso transe, que é possível avaliar o enorme prestígio que em todo o Mundo gozava o Presidente Dr. Agostinho Neto. Mensagens comoventes vieram de todo o Mundo, de eminentes personalidades. Milhares e milhares do Bié, de Cabinda, do Cunene, do Kuando-Kubango, do Uíje, do Moxico, de Benguela, do Huambo, das Lundas, de Malanje, do Zaire, do Kwanza-Norte, do Kwanza-Sul, da Huíla, de Moçâmedes, de Luanda, mas também da Mongólia e da Inglaterra, do Sudão e do México.

E para vós, distintos Chefes de Estado e distintos Delegados, que aqui vieram render homenagem ao nosso querido Presidente, será fácil constatar a emoção do nosso Povo perante este triste acontecimento, mas emoção também pela vossa presença amiga que o nosso Povo agradece sensibilizado.

Estimada Mãe Maria da Silva Neto, é grande a dor de perder um filho, sobretudo quando ela se repete em pouco mais de uma semana. O nosso Povo, o nosso Partido, acompanham-na na sua imensa dor e comprometem-se a dar-vos todo o apoio necessário.

*Camarada Maria Eugénia Neto,
Mário Jorge, Irene, Leda,*

O Partido partilha a vossa profunda dor, a solução dos problemas do nosso Povo e do nosso Partido fez com que fossem roubadas muitas horas em que o vosso esposo e vosso pai queria acompanhar-vos, beneficiar do vosso amor, acarinhar-vos com a sua presença.

É esse o destino dos heróis.

O Partido assume a responsabilidade de cuidar de vós com o mesmo carinho que o nosso Presidente vos dedicava.

Irmãs, irmãos de Agostinho Neto, o nosso Povo e o nosso Partido, inclinam-se diante do vosso sofrimento.

*Neto Amigo,
Camarada Presidente,
Camarada Comandante-em-Chefe,*

O nosso juramento, há pouco feito, não será em vão.

A Tua fidelidade aos princípios marxistas-leninistas será um exemplo vivo para a juventude e para todos os membros do Partido.

As Tuas preocupações com os problemas do nosso Povo estarão nas prioridades da nossa acção.

A luz do teu exemplo iluminará para sempre a Pátria Angolana.

*Adeus, Neto Amigo.
Adeus, Camarada Presidente.*

**A LUTA CONTINUA!
A VITÓRIA É CERTA!**

Fanatismo e superstição no nosso desporto

Em qualquer modalidade da vida de uma sociedade, quando a competição se transforma num meio de se atingir a promoção, todos os tipos de jogadas são possíveis, desde o suborno às cunhas, passando pela intimidação, o misticismo e demais acções retrógradas de comportamento humano.

Claro que o nosso país não é uma excepção nesses aspectos. Antes, pelo contrário, herdamos do colonialismo uma série de coisas inúteis. Por outro lado, o povo da Guiné-Bissau herdou também

brenaturais, verdadeiros tabús para a grande maioria das populações. É usufruindo dessas crenças servindo-se do domínio espiritual sobre os «crentes» e os mal-informados, que esses indivíduos ti-

Por Fernando Perdigão

antecipada, contando com o apoio das forças invisíveis.

Promessas de somas em dinheiro, assim como de sacrifício de animais de toda a espécie, são feitos junto dos poílões sagrados, junto das «balobas» (casa do irã), aos

um por um, todos os factos do género que ocorrem no mundo do nosso futebol, factos que, aliás, não surpreenderiam ninguém, jogadores, dirigentes ou adeptos, e se, por outro lado, fossemos a chamar, nome por nome, as pessoas que mais se movimentam nesses labirintos do «jogo da tabanca», muitos veriam ridicularizada a sua reputação de cidadãos decentes e responsáveis que são ou querem parecer.

Mas o nosso objectivo não é desonrar ninguém, nem atentar contra o pleno gozo dos seus direitos cívicos. No entanto, o estado das coisas oferecia fortes motivos para tal. Trata-se de uma questão de base cultural e também com o seu cunho político e, como tal, a abordamos.

Ainda desfilam frescos na nossa memória, os episódios da rivalidade que caracterizou as últimas jornadas do campeonato nacional de futebol findo. Essa corrida ao título desenrolava-se entre os velhos rivais do nosso futebol, o Benfica e o Sporting, culminando numa autêntica final entre as duas equipas. Mas, essa tão discutida final não opôs só os jogadores das duas partes adversas dentro do rectângulo de jogo. Opôs também as credências dos seus jogadores, dos seus adeptos, e até de alguns dirigentes.

Circulavam como certezas, de boca em boca, notícias de que dirigentes de um clube de Bissau, nessa fase de atribulações na corrida ao título, puseram-se em fuga da sua própria sede, levando consigo os jogadores e alegando para isso, que estavam a ser perseguidos pelos adeptos (doentes) da equipa adversária.



ria, que lhes queriam atirar por cima, esses tais mesinhos que dão azar. E que ainda, nessa fuga, jogadores e dirigentes refugiaram-se na sede de um outro clube amigo, depois no barco «Cassacá» ancorado no porto de Bissau, tudo isso para despistarem o inimigo.

Por outro lado, corria também como certo que o outro clube fez deslocar a Bissau, dois «muros» de alta craveira e de fama conhecida, além de um «djambakús», tendo-lhes prometido mundos e fundos se a sua equipa ganhasse o campeonato; e que até se pretendeu que a equipa fosse estagiar em Mansabá, longe do mau-olhado, mas que tal não se tinha verificado devido a recusa dos próprios jogadores.

Mas, provar por (a

mais b) toda a veracidade destas constatações não é o que mais importa, se bem que a polémica que tal poderia provocar teria uma certa piada, e mostrava-nos, se é que não o sabemos, até que ponto o nosso desporto está a afundar-se no ridículo e no absurdo, perdendo, nestas andanças, toda a sua razão de ser.

Perante tudo isso, os dirigentes do nosso desporto nacional terão, naturalmente, uma palavra a dizer. E o nosso jornal, sempre na perspectiva de cumprir o papel social que lhe cabe, tentará no futuro fazer mais abordagens deste tema controverso, situando no seu contexto e sócio-político e cultural, certas manifestações marginais ao nosso desporto.



O dinheiro gasto em cerimónias supersticiosas daria, para incrementar as restantes modalidades nos próprios clubes

dos seus antepassados, as veias crenças e superstições, que caracterizam, de um modo geral, a antiga vida sócio-cultural dos povos deste continente cheio de mistérios. E essas tradições populares, quando transportadas do interior para as cidades, entram, por vezes, em choque com novas concepções da vida das sociedades em modernização.

Porém, mesmo vivendo no interior desses meios sociais, as verdades ou abstrações, filosofia de base dessas práticas supersticiosas, permanecem restritas a uma minoria herdeira, de geração em geração (no âmbito familiar e étnico), que se diz portadora de poderes so-

ram proveitos sociais e económicos numa sociedade como a nossa, que aponta para a liquidação da exploração do homem por outros homens.

No mesmo futebol (felizmente que a mesma questão não se põe ainda no âmbito das restantes modalidades), ao longo de cada campeonato nacional, sobretudo quando este se aproxima do fim, toda esta gama de mistificações vêm ao de cima. Assiste-se a uma movimentação febril nos bastidores, dos adeptos mais devotados à causa do seu clube, à volta dos mistérios da terra. Cada um joga à sua maneira, enquanto que os próprios jogadores aguardam a hora do desafio, serenos e confiantes numa vitória

«djambakús» (pessoas com dons de prever o futuro), aos «muros» (pessoas de origem muçulmana que prevêm soluções espirituais para os momentos difíceis), etc.

Uns recomendam o sacrifício de uma vaca, cabra, galinha branca ou gato preto; outros mandam colocar boias de farinha de arroz juntamente com outros corpos estranhos, e partir dois ou mais ovos em direcção do sol nascente, ou então oferecer como esmola a pessoas de certa idade, alguns metros de tecido branco ou preto. Há ainda a água-da-sorte com que os jogadores se lavam momentos antes de partirem da sede para o campo.

Se formos a descrever

Delegação das FARP na URSS

Uma delegação cultural desportiva das Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), composta por quarenta e cinco pessoas partiu ontem, quarta-feira, para uma digressão de duas semanas na União Soviética. Esta viagem inscreve-se no quadro do reforço de amizade e cooperação entre as forças armadas dos dois países, em resposta a um convite da Direcção Militar de Desporto e Cultura da URSS.

Chefiada pelo camarada Pedro Ramos, membro do CSL do Partido e do Estado-Maior General e

chefe de Departamento do Desporto e Cultura das FARP, a caravana integra a equipa de futebol «Estrela Negra» (ex-F.A.R.P.), o conjunto musical «Nô Pintcha» e elementos do grupo teatral.

Algumas das novas aquisições da «Estrela Negra» para a nova época que se avizinha, tomam parte nesta digressão: Jacinto João (ex-Atlético de Bissorã), Braima Bodjan (ex-Balantas) e Cirilo Madeira, estreante no nacional.

Farmácias

CENTRAL FARMEDI N.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone — 2460
FARMÁCIA HIGIENE — Rua António N'Bana, telefone — 2520

Cinema

SOIREÉ — Perseguição Alucinante — Às 20,45 horas.
MATINÉ — Soldado Aventureiro — M/13 anos, às 18.30 horas.

Anúncios

António Augusto Esteves & Filhos Ld.ª Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com Sede na rua Justino Lopes, N.º 11, em Bissau, República da Guiné-Bissau.

Nos termos da lei, Cândido António Pires, na sua qualidade de único sócio gerente da firma, nomeação conferida por acta subscrita por todos os sócios, a 25 de Outubro de 1976, convoca

para reunião em Assembleia Geral Extraordinária a realizar na sede da sociedade, na rua Justino Lopes, n.º 11, em Bissau, República da Guiné-Bissau, no prazo de 15 dias a contar da data da presente convocatória os sócios:

Fernando António Esteves
Maria Beatriz de Lourdes Pires Esteves
Alvaro José de Oliveira
Manuel Augusto Taveira de Sousa

Francisco António Pereira.

Convocado por intermédio do seu Advogado Manuel Maurício, Rua Filipe Folque, 5-1.º Esq., — Lisboa — Portugal, em resultado da carta de 8/8/79 que por este mesmo Advogado nos foi dirigida, na qualidade de sócio gerente da firma, dando, assim, cabal cumprimento à clausula quinta e seu parágrafo segundo da escritura do contrato social.

Dando-se o caso da não comparência da totalidade dos Sócios naquela data, a mesma assembleia geral terá lugar 8 dias após com qualquer número de sócios, que formarão as resoluções que acharem convenientes, face às actuais conjunturas lavrando a respectiva acta que, depois de assinada e será levada ao conhecimento dos restantes sócios.

**Seminário
sobre acção
cultural**

DÁKAR — Assane Seck, ministro senegales da Cultura, inaugurou anteontem em Rufisque (a 30 quilómetros de Dakar) um seminário africano sobre a acção cultural, que reúne animadores culturais da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Senegal, Gâmbia e Mauritânia.

Assane Seck insistiu, durante o seu discurso, na necessidade de se travar em África uma acção cultural capaz de eliminar os efeitos negativos de modelos culturais estrangeiros. «Tal acção, afirmou, permitirá controlar as transformações de mentalidades introduzidas em África pela utilização de utensílios e artigos modernos estrangeiros».

Os participantes neste seminário permutarão no decorrer, experiências em matéria de acção cultural, e escutarão uma exposição de Basile Kossou, director-geral do Instituto Cultural Africano (ICA).

ONU: desarmamento e descolonização em prioridade na 34.ª Assembleia Geral

Os problemas do desarmamento e da descolonização figuram em primeiro lugar entre os 120 pontos da agenda do dia da 34.ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, que decorrem desde terça-feira na sede da organização em Nova York, sob a presidência do embaixador da Tanzânia, Salim Ahmed Salim, de 37 anos de idade.

Delegações de mais de 150 países participam nos trabalhos da sessão de 13 semanas que foi inaugurada pelo secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim.

Waldheim afirmou que diligências para equilibrar a balança entre as nações ricas industriais do Norte e os Estados pobres do Sul chegaram a um impasse. Espera-se que os países em vias de desenvolvimento reivindicuem uma parte maior da

riqueza global das nações desenvolvidas.

Os presidentes Fidel Castro, de Cuba, e Lopez

Paulo II passará o dia 2 de Outubro nas Nações Unidas, e será o segundo chefe da Igreja Católica a discursar na assem-

bléia, depois de Paulo VI. A questão da representação do Kampuchea, que dividiu a recente cimeira dos Não-Alinhados em Havana será um dos pontos mais polémicos em destaque. A solução do problema seguirá para uma comissão de credenciais, de nove países, cujo relatório deve ser apreciado pela Assembleia Geral numa sessão plenária, na sexta-feira.

A ONU ainda reconhece o regime sanguinário de Pol-Pot, deposto em Janeiro último pelo governo de Heng Samrin.

Muitos pontos da agenda de trabalho da 34.ª Assembleia já foram debatidos pelos delegados. Um total recorde de 146 Estados manifestou o desejo de discursar no organismo mundial durante o debate geral. O rei Hussein da Jordânia encontra-se entre os chefes de Estado inscritos.



Salim Ahmed Salim, actual presidente da Assembleia Geral da ONU

Portillo, do México, ambos dirigentes do Terceiro-Mundo, acham-se entre os chefes de Estado que devem discursar na assembleia. O papa João

Paulo II passará o dia 2 de Outubro nas Nações Unidas, e será o segundo chefe da Igreja Católica a discursar na assem-

**A QUESTÃO
DO KAMPUCHEA**

A questão da represen-

Comunistas ocidentais examinam a questão do Sahara Ocidental

PARIS — Um encontro entre representantes dos partidos comunistas da França, Itália e Espanha realiza-se hoje em Madrid, a fim de examinarem o problema do Sahara Ocidental.

Depois de uma visita, há duas semanas, à Argélia, o secretário-geral do Partido Comunista Francês, Georges Marchais, declarou que ia tomar uma iniciativa sobre a questão do Sahara Ocidental. A delegação francesa nesta reunião na capital espanhola é dirigida por Maxime Gre-

metz, secretário do Comité Central.

**INUNDAÇÕES
NO SAHARA**

(O presidente da Meia-Lua Vermelha correspondente à Cruz Vermelha) saharauí, Ahmed El Haba Ouaddadi, lançou um apelo a todas as organizações políticas e sindicais no mundo a fim de ajudarem milhares de refugiados saharauí sinistrados pelas graves inundações.

Ouaddadi afirmou que desde 5 de Agosto chuvas torrenciais têm caído so-

bre os campos de refugiados saharauí na região de Tinduf, e provocaram grandes danos. «Milhares de famílias foram atingidas por esta catástrofe, sublinhou. As suas tendas foram destruídas pelos ventos e as chuvas. Hoje estão praticamente desabrigadas».

A meio de Setembro, um grupo de jornalistas da imprensa internacional em visita à região, notou a existência de enormes charcos de água na estrada que atravessa o deserto. (FP)

de oposição ao imperador Bokassa, assinalaram-se deserções na Guarda imperial e a fuga para o Congo de dois oficiais centro-africanos cujo avião aterrou em Betou, perto da fronteira centro-africana. O porta-voz da FPO afirmou que o seu movimento realiza simultaneamente uma campanha de mobilização no Império Centro-africano contra Bokassa e uma campanha de sensibilização junto do centro-africano no exterior.

(FPO), que manteve o anonimato, deu esta informação, precisando que a repressão abateu-se sobre todas as pessoas que foram contactadas pela comissão de inquérito de juristas africanos e que muitos estudantes, professores e enfermeiros foram presos.

Segundo o movimento

**Afeganistão
Confirmada a morte
do presidente Taraki**

O presidente Nur Mohamed Taraki, que acaba de ser derrubado por Hafizullah Amin, morreu, na segunda-feira de manhã, devido aos ferimentos recebidos, no hospital militar para onde tinha sido transportado depois de uma troca de tiros no seu palácio, na sexta-feira.

Segundo uma fonte bem informada em Kabul, os breves combates que opuseram os partidários dos dois homens, fizeram entre 50 e 60 mortos, entre os quais o coronel Massdouria, antigo ministro dos Assuntos Fronteiriços.

A tese de que o presidente Taraki foi derrubado, porque queria reduzir a influência do seu Primeiro-Ministro no seio do Conselho Revolucionário, é a mais geralmente aceite pelos observadores em Kabul. Amin reagiu afastando do governo os únicos quatro militares que aí se encontravam e que eram considerados aliados incondicionais de Taraki.

O presidente Amin, no-

vo «homem forte» do Afeganistão, declarou anteontem que continuará a privilegiar as suas relações de amizade com a União Soviética e com os países socialistas. Também afirmou que o Afeganistão continuaria os seus esforços para melhorar as suas relações com o Paquistão e com o Irão, declarando-se satisfeito com as relações com a Índia.

Leonid Brejnev, presidente da URSS, mandou uma mensagem de felicitações a Hafizullah Amin.

Por outro lado, Sanaullah Wali, ministro dos Negócios Estrangeiros do Afeganistão, foi nomeado secretário-geral do Partido Khalh (Povo), no poder, em substituição do presidente Hafizullah Amin, que já ocupava este posto durante o regime de Taraki. A rádio-Kabul, que deu esta informação, acrescentou que o Conselho da Revolução decidiu não modificar a composição do governo afegão, remodelado na passada sexta-feira.

**GREVE
NA ÁFRICA DO SUL**

DURBAN — Um grupo de 300 grevistas negros sul-africanos, que reivindicavam um aumento de salários para compensar o aumento de 50 por cento do preço dos autocarros, foram brutalmente dispersos anteontem pela polícia racista, com grandes lacrimogéneas. Os trabalhadores tentavam penetrar na fábrica onde estão empregados, em Port Shepstone, ao sul de Durban. (FP)

CRIMES EM KAMPALA

KAMPALA — A vaga de crimes no Uganda causou desde a semana passada 38 vítimas, 20 dos quais em Kampala, anunciou ontem o jornal «Mundo». Cerca de 2 mil pessoas deixaram ontem as suas casas no bairro de Nakulabye em Kampala, para se refugiarem em aldeias do interior, levando consigo móveis e objectos de valor. (FP)

**RELAÇÕES
LÍBIA-ESPANHA**

O ministro do Comércio e Turismo de Espanha, Garcia Diez, encontra-se desde segunda-feira em Trípoli, a fim de manter conversações com membros do governo líbio sobre a situação do intercâmbio comercial entre os dois países. Um dos tópicos principais será o fornecimento do petróleo e possibilidade de aumentar a actual quota. No âmbito das relações de Espanha com os países árabes e, sobretudo, depois do êxito da visita de Arafat a Madrid, é possível que o governo espanhol consiga bons resultados nos seus intercâmbios comerciais com a Líbia.

**IRÃO: DEMISSÃO
DO MINISTRO
DA DEFESA**

TEERÃO — O ministro iraniano da Defesa, general Taghi Riahi, demitiu-se por «razões de saúde», anunciou anteontem o porta-voz do governo, Sadegh Tabataba'i. O general Nourai foi nomeado para assegurar provisoriamente a direcção do ministério da Defesa. (FP)

**Repressão e deserção
no Império Centro-Africano**

— A tristemente célebre prisão de Ngarawa em Bangui, onde dezenas de crianças centro-africanos morreram asfixiadas e torturadas em Março passado, voltou novamente a baila, com a revelação de que cerca de 40 pessoas terem sido ali mortas recentemente.

Um porta-voz da «Frente Patriótica Ubanguense»

A Conferência sobre o Zimbabwe avança embora com lentidão

— declarou Joshua Nkomo

A conferência constitucional da Londres sobre o futuro do Zimbabwe prossegue os seus trabalhos que já entraram na segunda semana. Anteontem de manhã, a

conferência iniciou uma nova fase de discussões bilaterais, destinadas a relançar as negociações que correram o risco de cair num impasse.

A decisão de encetar

discussões bilaterais sob a arbitragem britânica foi tomada na segunda-feira depois de uma sugestão de Muzorewa. Este pedido foi feito a seguir às divergências surgidas no seio da delegação de Salisbúria a propósito da manutenção da «cláusula de salvaguarda» de que beneficia a minoria branca racista da Rodésia.

Estas divergências, qualificadas de «confusão» pelos chefes da Frente Patriótica do Zimbabwe, Joshua Nkomo e Robert Mugabe, perturbaram consideravelmente, na opinião dos observadores, o desenrolar dos trabalhos durante duas sessões plenárias de segunda-feira.

JAAC encerrou ontem o Seminário de Informação

Numa das salas do Liceu Nacional Kwame N. Krumah teve ontem lugar a cerimónia de encerramento do Seminário sobre a Informação, promovido pela JAAC. Este seminário, que decorreu sob a orientação do cooperante português Daniel Reis, teve, aproximadamente, a duração de um mês. Nele foram abordados diversos temas da Informação, nomeadamente, o seu papel nos países socialistas e capitalistas e, em particular, nos países em vias de desenvolvimento, assim como a política do PAIGC e do nosso Governo em relação à Informação.

«Alguns dos quadros juvenis, formados duran-

te este seminário, podem seguir o jornalismo profissional se assim o desejarem» — disse o coordenador do seminário que, no entanto, acentuou ser necessário estar a par da política do PAIGC e do Governo como condição de base para o exercício da profissão.

Estiveram presentes, no acto do encerramento, membros do Secretariado da JAAC, entre os quais Alfredo da Silva, Manuel Barcelos e Delfim da Silva. Também marcaram presença Helder Proença, responsável da Informação da JAAC, e um representante da Juventude Livre Alemã.

Editorial

(Cont. da 1.ª pág.)

sonância em cada local de trabalho, seus efeitos no comportamento colectivo e individual. É aceitar uma certa disciplina para o aumento da produção. É preparar-nos para as tarefas do combate ao subdesenvolvimento. Certo é que, na consolidação da nossa independência económica, reside uma forte dosagem para nos afirmarmos, no plano interno e externo, como um país de veras independente.

A nossa solidariedade com os povos em luta contra o imperialismo e outras formas de dominação será sempre dimen-

sionada de acordo com o fortalecimento da economia nacional, em perfeita simbiose com a determinação política.

Hoje, quando o Partido completa 23 anos e na véspera do sexto aniversário da proclamação de Estado da Guiné-Bissau, urge cerrar fileiras, em torno do PAIGC, aumentar a vigilância, trabalhar mais e melhor para produzir novas riquezas.

Palmo a palmo, passo a passo, vamos indubitavelmente vencer a batalha contra a subdesenvolvimento, sob a direcção do PAIGC, Força, Luz e Guia do nosso Povo na Guiné e em Cabo Verde.

África Austral

(Continuação da 1.ª Pág.ª)

Nestes últimos dez anos, prossegue o texto, a África do Sul tem aumentado o seu potencial militar, importando armas ocidentais e fabricando material, sob licença de companhias multinacionais.

Os Estados Unidos — apesar do desmestido oficial — continuam a vender-lhe armas e abições, que são largamente utilizados na guerra contra os movimentos de libertação. Ao mesmo tempo, Pretória não tem descurado o seu potencial nuclear. O documento recorda, a propósito, as conclusões de especialistas, segundo as quais nunca a África do Sul poderia ter atingido o seu nível actual no domínio nuclear se não tivesse recebido ajudas das grandes potências ocidentais.

Leis do trabalho

(Continuação da 1.ª página)

Farmedí que agradeceram o apoio da Central Sindical, a UNTG, no aumento de conhecimento dos nossos trabalhadores.

Malam Turé disse que isso representava uma arma de melhor defesa dos interesses dos trabalhadores, sem deixar de citar os dirigentes e técnicos em assuntos da função pública e assuntos sociais cuja contribuição durante o seminário foi relevante.

A curta intervenção de Mamai Badinca centrou-se mais na análise do papel da UNTG, criado em 1961, na luta armada de libertação.

Referiu-se também à responsabilidade dos trabalhadores no reforço do Programa Maior do Partido, através da sua contribuição para o desenvolvimento e falou, por fim, vantagens da sindicaliza-

ção, comparando-as com o sistema sindical colonial.

O camarada Salvador Luiz Fernandes, entrevistado em nome do Secretariado Nacional e exortou os participantes a continuarem aumentando os seus conhecimentos relacionados com os ensinamentos adquiridos.

«Um homem que conhece os seus direitos e deveres é um homem esclarecido. O trabalho de um homem formado ideologicamente é mais útil que o de um homem que trabalha mecanicamente...» — afirmou, por sua vez, o camarada Fidélis Cabral de Almada, referindo-se às leis sobre o trabalho e à necessidade de todos os trabalhadores as conhecerem.

Porque, continuou ele, «o trabalhador é como que um guarda de bens de Estado, um defensor da propriedade de Estado». In-

formou ainda que, num futuro não muito longo, o seu departamento poderá divulgar uma série de legislações para ajudar os trabalhadores a corrigirem certas falhas nos locais de trabalho e na sua vida social.

«Não são as ajudas externas que farão avançar a nossa terra, mas sim, a contribuição dos trabalhadores, as riquezas da nossa própria produção de meios materiais» — sublinhou.

Ao evocar a memória do camarada Agostinho Neto, guia incontestável da Revolução angolana, o Comissário da Justiça falou de quanto é vasta a amplitude da figura daquele que sempre representou a unidade do povo de Angola e cujo desaparecimento prematuro poderá ter enormes repercussões sobre o futuro daquele país e da África Austral.

A vida retoma o curso normal em Luanda

(Cont. da 1.ª página)

das nossas fábricas e dos nossos campos saiam cada vez mais e melhores produtos para beneficiar sempre todo o nosso povo. Se fôr necessário, camarada Presidente, o sangue verterá das nossas mãos, mas será o nosso trabalho que arrancará a nossa terra do subdesenvolvimento».

Saliente-se que, por decisão do Comité Central do MPLA — Partido

do Trabalho, futuramente, o dia 17 de Setembro será considerado feriado nacional em Angola.

Pouco a pouco as delegações estrangeiras regressam aos seus respectivos países deixando a República Popular de Angola na expectativa. Os dirigentes do «após Neto» continuarão os objectivos políticos, económicos, sociais e militares definidos por Agostinho Neto. Nas suas feições pode-se ver a determina-

ção revolucionária de resistir aos ataques da recção, de lutar audaciosamente pela implantação do Poder Popular, de dominar pela força aqueles que levam a morte e a desolação aos lares dos pacíficos aldeões.

Enquanto em Luanda se realizavam as exéquias do líder da revolução angolana, as tropas sul-africanas e dos grupos fantoches da Unita, com artilharia e tropas helitransportadas, destruíam al-

gumas povoações da fronteira sul de Kuando-Kubango, provocando a morte entre as populações afirma um comunicado do Ministério da Defesa subscritos pelo titular da pasta coronel Henrique Carreira.

Um outro comunicado assinala que, no passado dia 11, «com o pretexto de perseguição dos grupos libertadores da Swapo», forças terrestres do exército racista, esta-

cionadas na Namíbia, apoiados por bombardeiros e helicópteros, bombardearam e atacaram toda a área que compreende as comunas de Cuamato, Chetequera e Naulil. As populações abandonaram as regiões agredidas e as forças da defesa angolanas «tomaram já as medidas necessárias para a expulsão do invasor» e permitir assim o regresso dos habitantes aos seus lares e locais de trabalho.

Breves

MUDANÇAS NA TUNÍSIA

TUNIS — Habib Bourguiba, Presidente da Tunísia e do Partido Socialista Desturiano (PSD) confirmou ontem no cargo de Secretário-Geral do PSD o Primeiro-Ministro Hebi Noura, anunciou um comunicado da presidência da República tunisina. O Presidente Bourguiba confirmou igualmente o Ministro Delegado junto do Primeiro-Ministro, na qualidade de director do seu Partido.

Ele designou também o ministro da Defesa Nacional e membro do bureau político do PSD como tesoureiro do Partido e substituiu Abdallah Farhat antigo ministro da Defesa. (FP)

ASSINATURA DA 2.ª CONVENÇÃO

BRUXELAS — A assinatura da segunda Convenção de Lomé (Lomé II), que une a Comunidade Económica Europeia (CEE) e os 57 países da África, Caraíbas e Pacífico (ACP) terá lugar a 31 de Outubro próximo em Lomé (Togo).

A próxima Convenção que entrará em vigor em Abril de 1980 terá um período de aplicação de cinco anos. (FP)

REFORMA AGRÁRIA NO CHILE

SANTIAGO — O Episcopado chileno divulgou um documento, no final da sua assembleia plenária, denunciando a reconstrução dos latifúndios e o reaparecimento da exploração dos trabalhadores do campo, ao mesmo tempo que pede aos camponeses para se organizarem na defesa dos seus direitos.

Salientado que o Governo militar em total desrespeito pelos princípios da Reforma Agrária entregou aos antigos latifundiários, um terço das terras que tinham sido explorados, os bispos do Chile pedem ao Governo para dar atenção especial aos problemas do mundo rural, como a pobreza, o desemprego e o alcoolismo. (Anop)